

# COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO – UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO GRAMATICAL

Antônio Suárez ABREU<sup>1</sup>

- RESUMO: Este trabalho pretende ser uma contribuição ao estudo dos processos sintáticos da coordenação e da subordinação em português, estudando, de modo específico, o problema dos limites entre esses dois tipos de relação sintática e alguns efeitos pragmático-discursivos envolvidos em ambos esses processos. O modelo utilizado é o da gramática funcional.
- PALAVRAS-CHAVE: Coordenação; subordinação; processos sintáticos; relações sintáticas.

## Introdução

As gramáticas do português definem a coordenação como a relação sintática entre duas orações independentes e a subordinação como a relação sintática em que uma oração (a subordinada) completa o sentido de uma outra, chamada principal. Na prática, essas definições funcionam de modo bastante precário. Em primeiro lugar, porque o conceito de independência entre orações coordenadas é bastante discutível – *Independentes segundo que critérios?* Em uma seqüência como *Renata chegou, tomou banho e saiu*, fica difícil concluir que as três orações são independentes. Em segundo lugar, porque a divisão entre coordenação e subordinação às vezes não fica bastante clara, como no caso das orações coordenadas explicativas e subordinadas causais, o que leva a crer que a diferença entre elas não é alguma coisa

---

1 Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

que tenha um caráter “digital”, mas antes “analógico”. De fato, Kuno, em obra de 1973 (apud Haiman & Thompson, 1984), sugere que a dicotomia entre coordenação e subordinação deve ser substituída por um *continuum*. Também Haiman & Thompson (1984) dizem que esses dois tipos de relação sintática configuram um fenômeno essencialmente multidimensional. O problema que se coloca é como fazer uma descrição desses dois processos, mostrando o que aproxima ou distancia uma determinada oração de um ou de outro processo.

Um dos caminhos poderia ser utilizar situações concretas de discurso, para daí tentar estabelecer diferenças e aproximações. É o que propõe, por exemplo, Koch (1984, p.111), dizendo que:

Os problemas com que se depara o estudioso ao tentar explicar os conceitos de **coordenação** e **subordinação**, isto é, a questão da dependência ou independência entre orações, decorrem do fato de se adotarem critérios meramente sintáticos ou formais... Foi por isso que se fez sentir a necessidade de se incorporar à teoria linguística os componentes semântico e pragmático: o funcionamento global de uma língua só pode ser devidamente explicado por um estudo integrado dos três componentes.

Dentro desse enfoque, Koch mostra que orações sintaticamente “desligadas” podem apresentar relações de interdependência pragmática como ocorre em uma seqüência como:

Não fui à festa do seu aniversário: não me convidaram.

em que a oração **não me convidaram** apresenta uma relação pragmática de subordinação causal em relação à oração anterior.

Mais recentemente (Koch, 1995, p.9-18), a autora retoma o tema, fazendo uma resenha das principais propostas surgidas nos campos formalista e funcional, mas sem fazer uma opção descritiva explícita. Conclui apenas que “o estabelecimento dessas relações (coordenação e subordinação) é visto como resultado de atividades de construção textual, realizadas pelos interlocutores por ocasião do processamento do texto, quer escrito, quer falado” (p.18).

Um outro trabalho importante é o de Decat (1995), que realizou uma pesquisa sobre a correlação entre relações adverbiais e gêneros do discurso. Segundo ela, o gênero do discurso (narrativo ou argumentativo), a modalidade (oral ou escrita) e a variação individual (“sotaque sintático”) interagem, determinando o fenômeno da articulação das cláusulas adverbiais em português. Conclui, dizendo que “A análise da

hipotaxe com base discursiva se mostra como crucial para se entender a estrutura coesiva do discurso" (p.34)

A meu ver, a análise pragmático-discursiva das relações oracionais é de suma importância, mas, antes disso, essas relações devem ser objeto de uma prévia descrição no nível sintático. Afinal, até mesmo para compreender uma metáfora, os falantes têm necessidade de entender antes o sentido literal, para, a partir dele, estabelecer estratégias especiais que possam resolver incompatibilidades e extrair o sentido figurado. Essa proposta de trabalhar primeiramente o nível sintático é coerente com a posição de Dik (1989, p.52) que diz que, embora no uso real da linguagem haja um processamento em paralelo dos diferentes níveis, é mais adequado utilizar uma metodologia "bottom-up". É o que pretendo fazer neste trabalho, em que tentarei, a partir de dados do português, propor parâmetros para uma descrição dos processos sintáticos de coordenação e subordinação. Utilizarei para esse propósito uma leitura do modelo de Haiman & Thompson (1984) ainda não suficientemente explorado, a meu ver; a descrição de predicação nuclear proposta por Dik (1989) e também a teoria dos protótipos desenvolvida por Givón (1984, 1989).

## **Propriedades formais associadas à subordinação**

Segundo Haiman & Thompson, existem algumas propriedades formais associadas à chamada combinação oração principal – oração subordinada, dentre as quais os autores destacam as seguintes:

### **Identidade de sujeito e/ou tempo ou modo**

Podemos visualizar esse tipo de identidade em frases como:

**Deixando de trabalhar para a Máfia**, Everaldo encontrou a paz.

De fato, a oração inicial (subordinada) tem o mesmo sujeito que a oração principal que a segue. A identidade de sujeito, tempo e modo permite deixá-los não especificados na oração subordinada.

Em português, esse fenômeno é uma característica das orações modais. Nessas orações, o sujeito é sempre o mesmo da oração principal e nunca aparece lexicalmente, como podemos ver em:

Salete estuda, **ouvindo música**.

## Redução de uma das orações

A redução ocorre por “redundância discursiva”, de duas maneiras diferentes:

a) por elipse: Salete trabalha mais **que Diana**.

b) por “*opposition loss*” (perda de tempo finito): Eu recomendo **submeter a nova proposta imediatamente**.

## Incorporação marcada gramaticalmente de uma das orações

Nesse caso, uma das orações pode ser vista como parte de outra, por critérios gramaticais. A oração incorporada perde sua integridade como ato independente de fala. Exemplos:

Eu disse **que Juliana foi aprovada**.

Os passageiros **que embarcam para Recife** deverão apresentar-se no portão 4.

Segundo os autores, é possível falar de graus de incorporação gramatical, levando-se em conta o caráter nuclear ou periférico da posição em que se incorpora a oração. Poderíamos, por exemplo, a partir da distinção feita por Dik (1989) entre argumentos e satélites,<sup>2</sup> considerar a incorporação de **argumentos** como incorporação de 1º grau e de **satélites**, como incorporação de 2º grau. Exemplos:

Incorporação de 1º grau: Eu vi **que ele saiu**.

Incorporação de 2º grau: Eu comprei meu primeiro carro, **quando fiz deztoito anos**.

De acordo com esse critério, as orações substantivas seriam resultado de uma incorporação de 1º grau, porque envolvem argumentos; e as adverbiais, resultado de uma incorporação de 2º grau, porque envolvem satélites.

---

2 **Argumentos** são elementos requeridos por um verbo para que ele possa ter funcionalidade comunicativa. É o caso, por exemplo, do **agente** e do **objeto afetado** em um verbo como COMPRAR. Se faltar um deles, a oração fica incompleta. \*Comprou a casa. \*Rivaldo comprou. **Satélites** são elementos que, embora não requeridos por um verbo, acrescentam informações adicionais, como modo, tempo, lugar etc. Exemplo: Rivaldo comprou uma casa **ontem** (tempo), **no bairro do Cambuí** (lugar).

Podemos acrescentar ainda uma incorporação mais periférica ainda e chamá-la de incorporação de 3º grau, para descrever o encaixe de orações adjetivas como:

O carro **que eu comprei** tem dois anos de garantia.  
Deixei o carro estacionado dentro de um box **que meu pai alugou na semana passada**.

No primeiro exemplo, a oração está incorporada a um argumento (objeto afetado). No segundo caso, a um satélite (lugar). Esse tipo de incorporação configura, além de uma mudança quantitativa de grau, uma mudança qualitativa. Proponho para ela o nome de **incorporação inordenada** (= não-ordenada em relação ao verbo), termo utilizado por Alonso & Ureña (1969, p.84) que também aparece no *Diccionario de términos filológicos* de Carreter (1968), sendo definido da seguinte forma:

**Inordenadas (Oraciones)**. *Término propuesto por R. Blumel (1914) para designar las oraciones dependientes que forman parte de la oración principal, pero subordinadas tan sólo a una parte de ésta. Tal acontece, por exemplo, con las de relativo.* (p.241)

## Ligação entonacional

Esse critério está ligado à ausência de pausa entonacional entre duas orações. Se não há pausa entre duas orações, então elas estão ligadas entonacionalmente, como em:

Eu quero **que Rubens vença a corrida**.

Já nos períodos abaixo, não há ligação entonacional entre as orações que o compõem:

O ministro pediu demissão, **depois que foi repreendido pelo presidente**.  
A Rússia, **que era um país comunista**, hoje tem eleições livres.

## Uma oração está dentro do escopo da outra

Se uma oração B está dentro do escopo de uma oração A, interrogando ou negando A, eu também interrogo ou nego B. Exemplos:

Você sabe **se Valdemar saiu?**

Ao mesmo tempo em que eu pergunto se você sabe, eu pergunto se Valdemar saiu.

Eu não quero **que ela venha**.

Nesse exemplo, o **não** tem como escopo a outra oração. O que eu quero dizer é que *eu quero que ela não venha*.

O mesmo acontece na frase:

Ele não saiu **correndo**.

Nessa frase, o **não** tem também como escopo a outra oração. Eu não estou negando que ele tenha saído, mas sim que ele tenha feito isso correndo. É como se eu dissesse:

Ele saiu sem correr.

Já, no período coordenado abaixo, a segunda oração não está no escopo da anterior:

Eu não comprei o toca-fitas **e ela comprou o vestido novo**.

A negação da compra do toca-fitas não implica a negação da compra do vestido novo.

## **Ausência de iconicidade temporal entre duas orações**

Iconicidade é a correspondência entre a ordem de termos dentro de uma oração, ou de orações dentro de um período, e a ordem dos eventos no mundo real ou em mundos possíveis. Em orações como:

João deu uma xícara de chá a Vanessa.

João viajou de Lisboa a Paris.

existe iconicidade, uma vez que, na primeira delas, em um "tempo 1", temos a xícara de chá nas mãos de João e, em um "tempo 2", ela está nas mãos de Vanessa. A ordem dos termos reflete essa seqüência temporal. Igualmente, na segunda oração, em um "tempo 1", João está em Lisboa e, em um "tempo 2", ele está em Paris. A ordem também reflete essa seqüência temporal. Se invertermos a ordem dos termos, cance-

laremos a iconicidade e o resultado serão orações menos aceitáveis ou até mesmo agramaticais, como:

(?) João a Vanessa deu uma xícara de chá.<sup>3</sup>

\*João foi a Paris de Lisboa.

Entre orações, a iconicidade pode ser observada em um exemplo como:

Tadao comprou um revólver e atirou no cachorro do vizinho.

No “tempo 1”, Tadao comprou o revólver e, no “tempo 2”, atirou no cachorro. Se invertermos a seqüência de orações, será cancelada essa iconicidade e o resultado será uma seqüência agramatical como:

\*Tadao atirou no cachorro do vizinho e comprou um revólver.

Voltando ao critério de **ausência de iconicidade** como uma característica da subordinação, podemos percebê-la em períodos como:

Vera foi ao supermercado, **para comprar leite**.

Joaquim perdeu o emprego, **porque apedrejou a casa do chefe**.

Nesses dois períodos, podemos inverter a seqüência das orações, sem que o resultado seja agramatical ou inaceitável:

Para comprar leite, Vera foi ao supermercado.

**Porque apedrejou a casa do chefe**, Joaquim perdeu o emprego.

Logo, em ambos os casos, não há iconicidade temporal.

### **Identidade das duas orações, do ponto de vista da perspectiva do ato da fala**

Este é o último critério proposto por Haiman & Thompsom. Trata-se da diferença entre o discurso direto e indireto. Vejamos os exemplos abaixo:

---

<sup>3</sup> Essa ordenação de termos seria aceitável apenas em um contexto focal, como resposta a uma pergunta do tipo: **O que João deu a Vanessa?**

O Zinho disse: – Eu pesquei um pintado enorme.  
O Zinho disse que pescou um pintado enorme.

No primeiro exemplo, temos dois atos de fala, o do narrador e o de Zinho. No segundo, apenas o do narrador. Logo, neste último caso, temos a identidade do ponto de vista do ato de fala e, portanto, subordinação.

### **Coordenação e subordinação em português: limites e graus de prototipicidade**

Para uma tentativa de descrição da coordenação e da subordinação em português, dentro de uma perspectiva funcionalista, utilizarei seis das propriedades propostas por Haiman & Thompsom, a saber:

- 1 Identidade de tempo e/ou sujeito.
- 2 Redução de uma das orações por elipse ou por “*opposition loss*”.
- 3 Incorporação marcada gramaticalmente de uma das orações.
- 4 Ligação entonacional.
- 5 Uma oração estar dentro do escopo de outra oração.
- 6 Ausência de iconicidade.

Além do uso desses critérios, trabalharei também na perspectiva da Teoria dos Protótipos, desenvolvida por Givón (1984,1989), a partir da análise de uma posição de Wittgenstein. Segundo essa perspectiva, as categorias linguísticas e cognitivas não são compartimentos estanques. Há sempre um espaço reservado, não-distinto entre elas e, dentro de cada uma delas, é possível encontrar representantes prototípicos, definidos como aqueles que estatística e probabilisticamente apresentam o maior número das mais importantes propriedades/peculiaridades características da categoria. Todos os outros membros dessa mesma categoria podem então ser classificados de acordo com o seu grau de semelhança ao protótipo, ou “distância do pico prototípico”. Um exemplo prático pode ser obtido a partir da análise das conjunções adversativas, em português. A conjunção **mas** é a única prototípica, uma vez que é sempre fixa, no início da oração, “como uma conjunção deve ser”. Todas as outras são não-prototípicas, uma vez que, mesmo



pertencendo à categoria das conjunções adversativas, podem deslocar-se dentro de sua oração, como os advérbios. Exemplos:

- O congresso votou a lei da anistia, **mas** o presidente vetou-a.
- \*O congresso votou a lei da anistia, o presidente, **mas**, vetou-a.
- O congresso votou a lei da anistia, **entretanto**, o presidente vetou-a.
- O congresso votou a lei da anistia, o presidente, **entretanto**, vetou-a.

## Orações subordinadas

### *Subordinadas substantivas*

Partindo dos critérios estudados, podemos afirmar que as orações subordinadas prototípicas são as substantivas e, dentro delas, as subjetivas, uma vez que elas possuem todas as seis propriedades. Em um período como:

É bom **que ele viaje**.

vemos que existe identidade de tempo, é possível reduzir a oração encaixada (É bom **ele viajar**), há incorporação marcada gramaticalmente (de 1º grau, na qualidade de argumento), existe ligação entonacional e a oração encaixada está dentro do escopo da oração matriz. Se eu digo **Não é bom que ele viaje**, o **não** inclui a oração encaixada em seu escopo. Não há também iconicidade temporal, uma vez que podemos dizer também **Que ele viaje** é bom. Esquematizando, teremos:

- + identidade de tempo e/ou sujeito
- + possibilidade de redução
- + incorporação marcada (1º grau)
- + ligação entonacional
- + 2ª oração dentro do escopo da 1ª
- + ausência de iconicidade

Podemos, a partir desse esquema, criar uma escala de prototipicidade de 0 a 6, onde 6 representa o grau máximo de propriedades formais associadas à subordinação, ou seja, a situação prototípica da subordinação e os outros graus, situações menos prototípicas. O grau 0 representa a situação prototípica da coordenação.

As orações substantivas subjetivas apresentam, portanto, grau 6 de prototipicidade. Depois das subjetivas, vêm as objetivas diretas e indiretas com grau 5, uma vez que muitas delas não permitem redução, como podemos ver nos exemplos a seguir:

A meteorologia disse **que o calor vai durar**.

\*A meteorologia disse **o calor ir durar**.

Lembrei-me **de que ela era viúva**.

\*Lembrei-me **de ela ser viúva**.

As completivas nominais apresentam grau 4, pois, embora possam ser reduzidas, apresentam iconicidade e podem não ter identidade de tempo e/ou sujeito. Exemplos:

A recomendação **de que os motoristas usem o cinto de segurança** não faz parte das disposições do Contran.

#### *Redução:*

A recomendação **de os motoristas usarem o cinto de segurança** não faz parte das disposições do Contran.

#### *Iconicidade:*

**\*De que os motoristas usem o cinto de segurança** a recomendação não faz parte das disposições do Contran.

#### *Não-identidade de tempo e/ou sujeito:*

A recomendação de que os motoristas **usem** o cinto de segurança não **fazia** parte das disposições do Contran.

As predicativas também apresentam grau 4, pois não costuma haver identidade de tempo e/ou sujeito e possibilidade de redução, como podemos ver em:

A verdade é **que você só pensava em você**.

\*A verdade é **você só pensar em você**.

Em casos em que a redução é possível, como no exemplo abaixo, podemos dizer que as predicativas têm grau 5 de prototipicidade:

A solução é **baixar os preços**.

## **Substantivas menos prototípicas**

As substantivas menos prototípicas são as **apositivas**, aqui chamadas de **típicas**, uma vez que elas não apresentam ligação entonacional, identidade de tempo e possibilidade de redução. Sua incorporação é periférica de 3º grau, não estão dentro do escopo da 1ª oração e apresentam iconicidade temporal. Exemplos:

Ele disse isso: **venda a loja!**

Ele disse uma verdade: **que os juros estão altos.**

\*Ele disse uma verdade: **os juros estarem altos.**

\***Que os juros estão altos** ele disse uma verdade.

Existem ainda as apositivas das chamadas "*fact sentences*". Estas últimas apresentam ligação entonacional e podem ser reduzidas. Exemplos:

O fato **de que a porta foi arrombada** caracteriza furto qualificado.

O fato **de a porta ter sido arrombada** caracteriza furto qualificado.

Esquemas:

### a) *apositivas típicas* (grau 1)

- identidade de tempo/e ou sujeito
- possibilidade de redução
- + incorporação marcada (3º grau)
- ligação entonacional
- 2ª oração dentro do escopo da 1ª
- ausência de iconicidade

### b) *apositivas de "fact-sentences"* (grau 3)

- identidade de tempo/e ou sujeito
- + possibilidade de redução
- + incorporação marcada (3º grau)
- + ligação entonacional
- 2ª oração dentro do escopo da 1ª
- ausência de iconicidade

Como vemos, as apositivas típicas têm apenas uma propriedade de subordinação: a incorporação marcada e, mesmo assim, de 3º grau, apresentando grau 1 de prototipicidade. Podemos dizer, portanto, que se trata de orações quase coordenadas, ou no limite entre coordenação e subordinação. Já as apositivas de "*fact sentences*" estão mais integradas no processo de subordinação.

## ***Outras orações subordinadas menos prototípicas***

### *Adjetivas explicativas*

As orações explicativas não têm identidade temporal, não podem ser reduzidas, não possuem ligação entonacional, não estão dentro do escopo da anterior, manifestam iconicidade temporal (não podem preceder seus antecedentes) e são incorporadas periféricamente – 3º grau  
Exemplo

As maçãs, **que estão podres**, serão jogadas no lixo

\* **Que estão podres** as maçãs serão jogadas no lixo

Possuem, portanto, grau 2, na escala de prototipicidade

### *Adverbiais consecutivas*

As orações adverbiais consecutivas não têm necessidade de identidade de tempo/sujeito, não podem ser reduzidas, não têm ligação entonacional, não estão dentro do escopo da anterior e apresentam iconicidade temporal Exemplos

Ele correu tanto, **que sofreu um acidente**

Ele a maltratou tanto, **que ela fugiu de casa**

\***Que ela fugiu de casa**, ele a maltratou tanto

Ele a tratou tão bem, **que ela não quis sair de casa**

Possuem, portanto, grau 1 na escala de prototipicidade

### *Adverbiais modais*

As orações adverbiais modais possuem incorporação marcada – 2º grau –, identidade de sujeito, aparecem sempre reduzidas, não apresentam iconicidade e estão dentro do escopo da oração principal  
Exemplos

Ele chegou **guiando o próprio carro**

**Guiando o próprio carro**, ele chegou

Ele não chegou **guiando o próprio carro**

O **não** desse último exemplo tem como escopo a oração modal. É como se disséssemos: Ele chegou, mas não guiando o próprio carro.

Como vemos, essas orações são altamente prototípicas, obtendo grau 5 na escala. Falta-lhes apenas a ligação entonacional.

### **Outras orações subordinadas**

#### *Orações adjetivas restritivas*

Possuem grau 3, uma vez que apresentam 3 das 6 propriedades: incorporação marcada – 3º grau –, iconicidade e ligação entonacional. Exemplo:

Os vistos **que foram concedidos** valem por dez anos.

**\*Que foram concedidos** os vistos valem por dez anos.

#### *Adverbiais*

As adverbiais já são, desde o início, menos prototípicas do que as substantivas e adjetivas restritivas, uma vez que a grande maioria delas não apresenta ligação entonacional. Prova disso é que, na escrita, quase todas são separadas por vírgulas de suas orações principais. Vejamos o grau de prototipicidade de cada uma delas:

*Causais*: grau 3. Possuem apenas incorporação marcada – 2º grau –, ausência de iconicidade e podem sofrer redução:

As flores acabaram **porque chegou o inverno**.

**Porque chegou o inverno**, as flores acabaram.

As flores acabaram **por ter chegado o inverno**.

*Comparativas*: grau 2. Possuem incorporação marcada – 2º grau – e aparecem sempre reduzidas por elipse:

Ivair ganha menos **que você**. (ganha)

*Concessivas*: grau 3. Possuem incorporação marcada – 2º grau –, ausência de iconicidade e podem ser reduzidas por perda de tempo finito:

Ele ganha pouco, **embora tenha curso superior**.  
**Embora tenha curso superior**, ele ganha pouco.  
Ele ganha pouco, **apesar de ter curso superior**.

*Condicionais*: grau 3. Possuem incorporação marcada – 2º grau –, ausência de iconicidade e possibilidade de redução:

Você consegue pagar a viagem, **se vender o carro**.  
**Se vender o carro**, você consegue pagar a viagem.  
**Vendendo o carro**, você consegue pagar a viagem.

*Finais*: grau 3. Possuem incorporação marcada – 2º grau –, ausência de iconicidade e apresentam-se quase sempre reduzidas:

Ele trabalha muito, **para comprar a casa**.  
**Para comprar a casa**, ele trabalha muito.

*Temporais*: grau 3. Possuem incorporação marcada – 2º grau –, ausência de iconicidade e podem ser reduzidas:

Você me telefona, **quando chegar**.  
**Quando chegar**, você me telefona.  
**Chegando**, você me telefona.

*Proporcionais*: grau 2. Possuem incorporação marcada – 2º grau – e ausência de iconicidade:

As crianças se alimentam mais, **à medida que crescem**.  
**Quanto mais ela estuda**, mais eu a admiro.

## Orações coordenadas

As orações coordenadas costumam ser divididas, em português, em assindéticas (sem conjunção) e sindéticas (com conjunção). A maioria das gramáticas classifica apenas as sindéticas, tomando como base a natureza da conjunção. Algumas classificam também as assindéticas, a partir de uma interpretação semântica que compara o sentido delas com os das anteriores. Dessa maneira, em uma frase como:

Ela entrou disfarçada; **ninguém reparou**.

a oração grifada poderia ser classificada como adversativa ou explicativa.

É comum, também, nessas gramáticas, a atribuição de outros valores a conjunções coordenativas e, em consequência disso, atribuir às orações encabeçadas por elas uma classificação diversa do sentido original da conjunção. É o caso, por exemplo, de uma frase como:

Fulano é rico **e não paga as dívidas**

em que a conjunção **e**, que introduz a oração grifada, é considerada adversativa, ganhando a oração essa mesma classificação.

A meu ver, o primeiro caso, que envolve uma oração assindética adversativa ou explicativa, de acordo com alguns gramáticos, pode configurar, facilmente, um caso de oração em outro período. É como se disséssemos:

Ela entrou disfarçada Ninguém reparou

A interpretação adversativa ou explicativa acontece apenas no nível pragmático.

No segundo caso, a oração coordenada é, sintaticamente, uma aditiva. O entendimento de que é adversativa ocorre, tal como no caso anterior, no nível pragmático. De qualquer maneira, como já disse no início deste trabalho, começarei minha descrição pelo nível sintático e, por esse motivo, tratarei especificamente das coordenadas sindéticas.

Para início dessa análise, podemos dizer que nenhuma delas é incorporada gramaticalmente e também não pode ser reduzida por "opposition loss" (perda do tempo finito).

### **Orações coordenadas prototípicas**

As mais prototípicas das orações coordenadas são as **aditivas**, as **adversativas** e as **conclusivas**, todas elas com grau 0 de prototipicidade. Essas orações não precisam ter identidade de tempo e/ou sujeito, não têm ligação entonacional, não estão no escopo da anterior, manifestam iconicidade temporal e não estão dentro do escopo da oração coordenante. Exemplos:

#### *Aditivas*

Túlio comprou uma passagem **e tomou o avião**

**\*E tomou o avião** Túlio comprou uma passagem

Túlio **não** comprou uma passagem **e tomou o avião**

## *Adversativas*

O presidente negociou com os partidos, **mas a proposta governamental foi derrotada.**

\*Mas a proposta governamental foi derrotada, o presidente negociou com os partidos

O presidente **não** negociou com os partidos, **mas a proposta governamental foi derrotada**

## *Conclusivas*

Ele viajou dez horas, **logo deve estar cansado**

\***Logo (ele) deve estar cansado**, viajou dez horas

Ele **não** viajou dez horas, **logo deve estar descansado**

## *Orações coordenadas alternativas e explicativas*

As orações alternativas e explicativas são menos prototípicas. Possuem grau 1. As alternativas não manifestam iconicidade, o que é típico das subordinadas. Exemplos:

Ela ou cuida das crianças **ou faz o almoço**

**Ela ou faz o almoço** ou cuida das crianças

As crianças ora se aglomeravam, **ora se isolavam**

As crianças **ora se isolavam**, ora se aglomeravam

As orações explicativas, apesar de manifestarem iconicidade temporal, sofrem um certo nível de incorporação gramatical, uma vez que utilizam conjunções típicas de incorporação gramatical, como **que** ou **porque**. Exemplos.

Saia da sala, **porque vou lavá-la**

\***Porque vou lavá-la**, saia da sala

Telefone logo, **que eu estou preocupado**

\***Que eu estou preocupado**, telefone logo

A partir desse momento, já é possível comparar, com mais precisão, algumas orações coordenadas com outras subordinadas

## *Coordenadas explicativas e subordinadas adverbiais causais*

Muitas vezes se confunde uma coordenada explicativa com uma subordinada adverbial causal. Do ponto de vista das propriedades estudadas, temos os seguintes esquemas para essas orações:



### *Explicativas* (grau 1)

- identidade de tempo e/ou sujeito
- possibilidade de redução
- + incorporação marcada
- ligação entonacional
- 2ª oração no escopo da 1ª
- ausência de iconicidade

### *Causais* (grau 3)

- identidade de tempo e/ou sujeito
- + possibilidade de redução
- + incorporação marcada
- ligação entonacional
- 2ª oração no escopo da 1ª
- + ausência de iconicidade

Comparando os dois esquemas, podemos perceber que o motivo básico dessa confusão é o fato de que a oração explicativa é a única entre as coordenadas que possui o traço da incorporação marcada, o que produz a suspeita de que possa ser uma subordinada. Dois traços, entretanto, podem excluí-la dessa classe: a possibilidade de redução e a iconicidade. Comparando as duas orações abaixo:

Não tenho ido à piscina, **porque chegou o inverno**.  
Eu quero que você telefone logo, **porque estou preocupado**.

ambas as orações grifadas são incorporadas gramaticalmente, mas apenas a primeira pode ser reduzida e ser movida para uma posição inicial:

Não tenho ido à piscina, **por ter chegado o inverno**.  
**Por ter chegado o inverno**, não tenho ido à piscina.  
\* Eu quero que você telefone logo, **por estar preocupado**.  
(?)**Porque estou preocupado**, eu quero que você telefone logo.

Logo, a primeira oração grifada é subordinada causal e a segunda, coordenada explicativa.

### ***Coordenadas conclusivas e subordinadas adverbiais consecutivas***

Trata-se, também, de orações muito próximas. Embora as conclusivas sejam orações coordenadas prototípicas, as consecutivas é

que se aproximam mais delas, como podemos ver, comparando os esquemas abaixo:

*Conclusivas:* (Grau 0)

Eles votaram no PFL, **logo, os governistas ganharam.**

*Consecutivas:* (Grau 1)

Ele a maltratou tanto, **que ela fugiu de casa.**

*Esquema*

- identidade de tempo e/ou sujeito
- possibilidade de redução
- + incorporação marcada
- ligação entonacional
- 2ª oração no escopo da 1ª
- ausência de iconicidade

O único traço a ligar as consecutivas ao mecanismo de subordinação é a incorporação marcada. É possível concluir, portanto, que as consecutivas são orações bem próximas das coordenadas, com um único traço de subordinação, que é a incorporação marcada.

Podemos visualizar de maneira global essa análise de graus de prototipicidade, por meio do quadro a seguir:

Escala	Tipo de oração
6	sub. subst. Subjetiva
5	sub. subst. Objetiva direta sub. subst. Objetiva indireta sub. adv. Modal
4	sub. subst. Completiva nominal sub. subst. Predicativa
3	sub. subst. Apositiva " <i>fact sentences</i> " sub. adj. Restritiva sub. adv. Causal sub. adv. Condicional sub. adv. Concessiva

Continua

Escala	Tipo de oração
	sub. adv. Final
	sub. adv. Temporal
2	sub. adj. Explicativa
	sub. adv. Comparativa
	sub. adv. Proporcional
1	sub. subst. Apositiva típica
	sub. adv. Consecutiva
	coord. Alternativa
	coord. Explicativa
0	coord. Aditiva
	coord. Adversativa
	coord. Conclusiva

Por meio desse quadro, é possível perceber que as subordinadas substantivas subjetivas são as subordinadas prototípicas e que as coordenadas aditivas, adversativas e conclusivas são as coordenadas prototípicas. É possível perceber também a proximidade entre as substantivas apositivas típicas e as coordenadas e também que as adjetivas explicativas estão um pouco mais próximas das coordenadas do que as adjetivas restritivas.

### **Análise da coordenação e subordinação, do ponto de vista pragmático-discursivo**

A primeira coisa a dizer, no momento de assumir um segundo ponto de vista, o pragmático-discursivo, para estudar os fenômenos da coordenação e subordinação, é que ambas essas relações podem participar também, de forma global, da própria construção de um texto. Assim, podemos ter também parágrafos e períodos coordenados e subordinados. Diz Neves (1996, p.2) que:

O que se pode facilmente compreender e aceitar é que relações como as de causa, condições, tempo, modo e lugar permeiam todo o texto, independen-

temente do nível das unidades estruturais (micro ou macroestruturais) envolvidas: sintagmas, orações, frases, parágrafos, capítulos, etc. Mais ainda, essas relações seriam prioritariamente textuais, governando o todo do texto, e a penetração dessas relações nas subpartes constituiria apenas um reflexo e uma consequência da organização geral à qual elas estariam subordinadas.

No texto abaixo, podemos ver que a conjunção **mas** está coordenando o segundo período ao primeiro.

Por esse testemunho ficamos sabendo que era homem instruído e orador de bons créditos. **Mas**, que nos conste, só chegou até nós um discurso por ele pronunciado. (Frieiro, 1981)

Um exemplo mais radical pode ser visto na crônica intitulada "Poema de Aniversário", de Vinícius de Moraes, que se inicia com um período causal introduzido pela conjunção subordinativa **porque**. Os vários parágrafos seguintes funcionam como "parágrafos principais" desse "parágrafo causal". Vejamos, um trecho dessa crônica:

**PORQUE** fizeste anos, Bem-Amada, e a asa do tempo roçou teus cabelos negros, e teus grandes olhos calmos miraram por um momento o inescrutável Norte...

Eu quisera dar-te, ademais dos beijos e das rosas, tudo o que nunca foi dado por um homem à sua Amada, eu que tão pouco te posso ofertar. Quisera dar-te, por exemplo, o instante em que nasci, marcado pela fatalidade de tua vinda. Verias, então, em mim, na transparência do meu peito, a sombra de tua forma anterior a ti mesma.

Quisera dar-te também o mar onde nadei menino, o tranqüilo mar de ilha em que me perdia e em que mergulhava, e de onde trazia a forma elementar de tudo o que existe no espaço acima – estrelas mortas, meteoritos submersos, o plancto das galáxias, a placenta do Infinito.

E mais, quisera dar-te as minhas loucas carreiras à-toa, por certo em premonitória busca de teus braços, e a vontade de grimpar tudo de alto, e transpor tudo de proibido, e os elásticos saltos dançarinos para alcançar folhas, aves, estrelas – e a ti mesma, luminosa Lucina, a derramar claridade em mim menino,... (Moraes, 1979, p.11)

São de Neves (1996, p.3) os seguintes exemplos em que orações subordinadas aparecem em outras frases, na fala do mesmo locutor ou de outro locutor:

Eu devo vir para São Paulo no ano que vem. **Se tudo der certo, claro!**  
Podiam mandar mais dois homens comigo. **Embora eu preferisse ir só.**

Locutor A: – O Beteco também não foi.

Locutor B: – **Porque não quis.**

## **Interferência pragmática nos processos sintáticos**

### ***Orações coordenadas correlativas***

Em alguns casos, a intenção do falante (no nível pragmático) chega a interferir nos próprios processos sintáticos de coordenação e subordinação. Um exemplo disso está no emprego, em orações coordenadas, de expressões correlativas como:

não só.....mas também  
não só.....mas ainda  
não só.....como ainda  
não só.....senão

Exemplos:

O motorista **não só** dirigia bêbado [**como também** desacatou um policial].

Eu quero, em ocasião, trazer nesta crônica o humilde presente que nunca lhe dei quando menino; **não só** porque, então, a data não existia, [**como** porque o pouco numerário que eu conseguia, quando em calças curtas, era furtado às suas algibeiras]. (Moraes, 1979, p.31)

Essas expressões correlativas manifestam a intenção do enunciatador em criar uma espécie de gradação argumentativa e acabam também por acrescentar à relação uma característica de subordinação, uma vez que o processo de correlação acrescenta o traço de incorporação marcada à oração coordenada.

### ***Elipse e intenção comparativa***

Uma outra interferência de fatores pragmático-discursivos nos processos sintáticos de coordenação e subordinação pode ser vista nas orações coordenadas de caráter comparativo.

Uma das principais características das orações subordinadas adverbiais comparativas, como vimos há pouco, é sua redução por elipse (2ª propriedade da subordinação de Haiman & Thompson, 1984). Em uma frase como:

Beethoven era tão talentoso **como Mozart**.

a oração comparativa aparece normalmente incompleta. Se estivesse completa seria.

Beethoven era tão talentoso **como Mozart era talentoso**

Para evitar redundância discursiva, os falantes preferem deixar elípticos elementos do predicado dessas orações subordinadas. Ora, esse tipo de elipse também é encontrado em orações coordenadas como:

Fernando saiu de casa às dez horas **e eu, às onze**

Marta comprou dois vestidos **e Carla, três**

Mário está apaixonado pela Valéria **e Telmo também.**

O que ocorre com essas sentenças é que o falante manifesta nelas também uma **intenção comparativa**. A terceira frase poderia, por exemplo, ser dita como.

Mário e Telmo estão apaixonados pela Valéria

A diferença é que a primeira versão reflete a atitude do falante em comparar a paixão de duas pessoas, o que não acontece nesta última. Nas duas frases anteriores, também se comparam, pragmaticamente, horários de saída e compras de vestido. Vemos, por aí, que um fator pragmático (a intenção comparativa) acrescenta a uma oração coordenada uma característica de subordinação: a possibilidade de redução, neste caso, por elipse

### ***Outras alterações sintáticas de natureza pragmática***

Podemos voltar agora a analisar aquelas situações descritas por Koch (1984 e 1995), configuradas em seqüências como:

Não fui à festa do seu aniversário **não me convidaram**

Renata prometeu aparecer ontem, **nem sequer telefonou**

As orações grafadas acima, embora sejam coordenadas sintaticamente, têm caráter, respectivamente, causal e adversativo. A meu ver, a ausência de conjunções específicas, como **porque** (porque não me convidaram) e **mas** (mas nem sequer telefonou), se deve a uma opção do falante por economia. Da mesma forma que ele diz, por exemplo, que

*Os importados ficaram mais baratos*, em vez de dizer *Os produtos importados ficaram mais baratos*, ele também opta por omitir as conjunções, já que o próprio sentido das orações se encarrega de fornecer o caráter da relação entre elas.

Vejamos agora frases em que se diz que a conjunção aditiva **e** pode ter características diferentes como em:

Fulano diz que é rico **e** nunca tem dinheiro no bolso.

Fernanda estudou **e** não passou no exame.

Empreste dinheiro **e** perca o amigo.

Nas duas primeiras frases, a oração introduzida pela conjunção **e** tem um caráter nitidamente adversativo. Na terceira, a oração inicial tem um caráter nitidamente condicional: **se você emprestar dinheiro**, perderá o amigo.

Uma hipótese interessante a ser verificada por meio de uma análise maior de dados é a de que, em situações como essa, o falante prefere não explicitar a conjunção, por uma questão de atenuação ou “preservação da face”, de acordo com a teoria de Rosa (1995). Se o falante diz claramente que *Fernanda estudou **mas** não passou no exame*, isso pode soar como uma crítica a ela. Se disser, entretanto, que *ela estudou **e** não passou*, a crítica se atenua ou desaparece, ficando preservada a face do enunciador.

A escolha do conteúdo das orações coordenante e coordenada pode também materializar preocupações de preservação da face por parte do falante. Comparemos as duas frases abaixo:

Eu fiz todo o esforço possível, mas não consegui.

Eu não consegui, mas fiz todo o esforço possível.

É inegável que a segunda escolha é nitidamente mais favorável ao falante.

Os processos de articulação das orações podem ser também utilizados, pragmaticamente, para colocar pressupostos. Vejamos os dois períodos abaixo:

Hill tem grandes chances de vencer o Grande Prêmio do Canadá, no domingo, **mas** o serviço de meteorologia está prevendo chuva.

Barrichelo tem grandes chances de vencer o grande prêmio do Canadá, no domingo, **pois** o serviço de meteorologia está prevendo chuva.

No primeiro exemplo, fica pressuposto que Hill não guia bem na chuva e, no segundo, que Barrichelo guia bem na chuva.

Concluindo, creio ter ficado demonstrado que o estudo dos traços de subordinação e a construção de uma escala de prototipicidade podem ajudar não somente a compreender a coordenação e a subordinação como fenômenos sintáticos, mas também a esclarecer alguns aspectos pragmáticos envolvidos nesses processos, alguns dos quais exemplificados há pouco, como o uso dos recursos de correlação na coordenação e da elipse em orações coordenadas de caráter comparativo.

ABREU, A. S. Coordination and subordination – a proposal of grammatical description. *Alfa (São Paulo)*, v.41, p.13-37, 1997.

- **ABSTRACT:** *This paper intends to be a contribution to the study of the coordination and subordination processes in Portuguese, by studying, in a specific way, the problem of the limits between those two types of syntactical relation and some pragmatic-discursive effects entailed in both those processes. The model used is that of functional grammar.*
- **KEYWORDS:** *Coordination; subordination; syntactical process; syntactical relations.*

## Referências bibliográficas

ALONSO A., UREÑA, P. H. *Gramática castellana*. 25.ed. Buenos Aires: Losada, 1969.

CARRETER, F. L. *Diccionario de términos filológicos*. 3.ed. Madrid: Gredos, 1968.

DECAT, M. B. N. Relações adverbiais e gênero do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.28, p.19-36, 1995.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

FRIEIRO, E. *O diabo na livraria do Cônego*. São Paulo: Edusp, 1981.

GIVÓN, T. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. 2v.

\_\_\_\_\_. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, C. (Ed.) *Noun Classes and Categorization*. New York: Academic Press, 1989.



- HAIMAM, J., THOMPSON, S. A. Subordination in universal grammar. In: ANNUAL MEETING OF BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 10, 1984, Berkeley. *Proceedings...* Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- \_\_\_\_\_. A articulação entre orações no texto. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.28, p.9-18, 1995.
- MORAES, V. de. *Para viver um grande amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- NEVES, M. H. M. *A Articulação de orações: reflexões de base funcionalista*. 1996. (Inédito).
- ROSA, M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1995.